

Klein: legado e contemporaneidade^[1]

ELIANE MICHELINI MARRACCINI

Quando li o título da conferência proposta por Elias Mallet da Rocha Barros, ressaltaram de imediato os termos Legado, Continuidade e Contemporânea. Termos que sintetizam muito do que Melanie Klein representa para a Psicanálise, fiel aos princípios fundamentais da concepção freudiana, porém inovadora criativa no plano teórico e clínico.

Tudo se iniciou no divã de Ferenczi, ao qual recorreu Melanie Klein em profunda depressão e acabou descobrindo o potencial de se tornar analista, inicialmente de crianças. Ali, naquela relação, se plantava a semente do que floresceu depois como uma contribuição teórica determinante no curso da história da Psicanálise e amplamente presente no seu seio desde então. Sua concepção do desenvolvimento primitivo e estruturação do mundo interno constituíram importante avanço conceitual. Na clínica promoveu não apenas mudanças técnicas, mas abertura de campo anteriormente inexplorado, redimensionando a análise de crianças e validando a escuta psicanalítica dos pacientes psicóticos, o que hoje seria impensável não se considerar.

O interesse por conhecer seu mundo interno conduziu Melanie Klein à

1. Texto apresentado pela autora, na função de debatedora, na Conferência “O legado kleiniano e sua continuidade na Psicanálise contemporânea” proferida por Elias Mallet da Rocha Barros no Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – S. Paulo em 19/10/2016.

Psicóloga, Psicanalista, Mestre e Doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/Brasil), Professora do Curso de Especialização “Formação em Psicanálise” do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo (ISS-SP/Brasil), Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

experiência emocional fecunda com um analista sensível e criativo como Ferenczi, empenhado no desenvolvimento promissor de sua analisanda. Investimento ao qual deu continuidade Abraham, tão definitivo na história pessoal de Melanie Klein e completamente presente no deslanchar de suas teorizações. Vemos aqui a importância de uma relação analítica semeadora, promovendo reconstrução pessoal e definitivo avanço do potencial criativo.

Não há dúvida de que Melanie Klein nos deixou um legado, porém algo vivo e aberto, que continuamente se redescobre e transforma, em muitas obras que dela partem, como apontou Elias. Iluminando e ressaltando aspectos que ali estavam esboçados, aprofundando noções que concebeu, confirmando articulações que promoveu.

Elias citou André Green (2002) e sua noção de “Pensamento Clínico”, a qual admiro bastante também. Na mesma direção, creio que Melanie Klein não chegou a formular este conceito, mas teorizou sim a partir e em direção à clínica, nunca pensando longe dela, sendo esta sua impressão digital mais marcante. É este um breve exemplo de como o que nos deixou frutificou, se transforma e é lapidado pelos que a sucederam, reconhecendo-a ou não.

Melanie Klein é incontestavelmente moderna e contemporânea, adiantou-se a seu tempo com coragem e enfrentamento. Assim, reconhecendo as fases do desenvolvimento libidinal, propostas por Freud e especificadas por Abraham, criativamente estabeleceu a noção de posição. Para fugir do fixo e datado, para dar conta do que é dinâmico e interatuante, do que não se encerra e circula sem extinguir-se, estando sempre aberto a ser revivido e modificado. Foi esta a maneira ousada de Melanie Klein conceber o funcionamento psíquico, contemplando toda sua complexidade, dinamismo e multiplicidade.

Outro exemplo de sua vivaz sagacidade foi ressaltar que a cada situação de luto ao longo da vida é revivido o luto arcaico pelo objeto original, a cada vez havendo a tarefa psíquica de reinstalar o bom objeto dentro do ego. A grande ameaça não sendo a perda do objeto real, mas a do objeto interno que constitui o núcleo do ego. O sujeito podendo sucumbir em luto patológico pela fixação primitiva na “melancolia *in statu nascendi*”, como precisamente apontava Melanie Klein, em 1935, em seu texto “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos depressivos”. Pode-se dizer que seria isto que Freud, em seu texto “Luto e melancolia” (1917[15]),

indicava como a perda desconhecida pelo sujeito que estava embutida na melancolia, ocorrendo o empobrecimento do ego que padece sob a sombra do objeto perdido.

Por sua vez, Benno Rosenberg, em 2003, descrevendo o “trabalho da melancolia”, resalta a importância fundamental da “destacabilidade” do sujeito em relação ao objeto. Pois, se algo perturbar este processo primitivo, não consegue se dar o “trabalho do luto” descrito por Freud, residindo aí toda a predisposição à melancolia. Estas ideias refletem a incorporação de postulações kleinianas em autor bem recente e não-kleiniano, porém, pensador permeável à riqueza e precisão do arcabouço teórico sobre o desenvolvimento primitivo que ela concebeu.

Mesmo que o constitucional por vezes interponha limites no avanço que se pode obter na clínica, como tão reconhecidamente Melanie Klein destacou em seu trabalho “Inveja e gratidão” (1957), ela e seus seguidores buscaram maneiras de adentrar o mais profundo e arcaico da mente humana, tentando viabilizar o acesso e a modificação do sofrimento psíquico, mesmo o mais primitivo e original.

Bem o sabemos ser muito fecunda e promissora a relação analítica com alguns pacientes, e muito obstaculizada com outros de difícil acesso, como Betty Joseph tão bem descreveu; com pacientes em que a parte psicótica da personalidade predomina como identificou Bion; com pacientes limites ou neuroses narcísicas graves como tanto estudou Rosenfeld e descreveu em noções preciosas como o narcisismo destrutivo. Apenas para citar alguns dos pós-kleinianos mais destacados.

Por que ler hoje Melanie Klein? Elias afirma e eu faço coro: devemos lê-la hoje e sempre. Mesmo que não a tenhamos como referência primordial de nosso pensar e fazer na Psicanálise. A cada releitura novos ângulos se revelam, refina-se e aprofunda-se o que contém suas ideias, embora expostas em escrita por vezes árdua e complexa.

Enquanto formulou noções, articulou conceitos, Melanie Klein descobriu horizontes que precisaram, por vezes, de seus seguidores para lapidar seu brilho, consolidando o que criou este gênio feminino destacado por muitos, entre eles Julia Kristeva (2002), que fez questão de a ela dedicar um livro com esta referência no título.

Porém, sabemos nós, que este gênio criativo desperta paixões, algumas que se consolidam em admiração, valorização e reconhecimento, outras que se cristalizam refratariamente em oposição e recusa, por vezes mesmo desqualificação de

suas ideias e avanços na Psicanálise.

A obra de Klein, escreveu Julia Kristeva (2002), é um mal-estar que contribui para o conhecimento de nosso ser. Conduz-nos ao cerne da psique humana para descobrir a loucura, que é ao mesmo tempo seu motor e seu impasse. Ressalto ser este um percurso obrigatório para quem decide por ofício adentrar a mente humana, explorando a própria de modo a se habilitar a compreender a do outro, em busca de uma escuta analítica, mas com necessário conhecimento, delicadeza e respeito pelo sofrimento.

Não se consegue ser analista se não pudermos nos implicar com a relação que se dá na intimidade do interjogo entre o mundo interno do paciente e do analista que, por mais que neguem alguns, não consegue ficar neutro, é afetado por ser humano. E esta ampliada visão foi semente que floresceu em Melanie Klein, frutificou em suas diretas colaboradoras, entre elas Paula Heimann e Hanna Segall, se consolidou no pensamento de Bion a respeito da relação analítica, e daí para a frente, definitivamente, entre os pós-kleinianos. Uma presença viva e implicada na relação analítica exige bastante do analista e utiliza seu mundo interno como instrumental, porém, creio eu, estar aí todo o encanto no exercício desta função.

Corre-se riscos sim, de na relação analítica sermos enredados na armadilha das identificações projetivas e das emergências contratransferenciais, além de nos defrontarmos com reações terapêuticas negativas surpreendentes e difíceis de serem superadas. No entanto, não nos é concedido evitar tais ocorrências neste percurso tão singular e investigação em terreno tão complexo e sutil; a grande questão é como podemos compreendê-las e nela operarmos analiticamente.

Não há nada mais encantador para um professor como eu, ao longo dos muitos anos lecionando Melanie Klein, ver emergir no olhar de alunos, inicialmente resistentes à sua teoria, o brilho de identificarem, em sua escrita, experiências emocionais vividas, reconhecerem angústias sentidas, relações objetivas marcantes em seu mundo interno como no mundo externo. E a partir daí, reconhecerem em seus pacientes a rede de significados e dinâmica emocional vigente.

E é por isto que para nós, do curso Formação em Psicanálise, há cerca de quarenta anos, sempre fez todo o sentido mantermos e aprimorarmos o ensino de Melanie Klein e autores pós-kleinianos. Uma fonte profícua de onde se pode partir muito bem instrumentalizado para a exploração do mundo do conhecimento de

múltiplos e variados autores em Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
(1917[1915]) Luto e melancolia, v. 14.
- GREEN, A. *La pensée clinique*. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.
- KLEIN, M. (1935) Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Amor, ódio e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1957) Inveja e gratidão. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KRISTEVA, J. *O gênio feminino: A vida, a loucura, as palavras*. Tomo II Melanie Klein. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- ROSENBERG, B. *Masochismo mortífero e masochismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta, 2003.

Eliane Micheline Marraccini

R. Pará, 50 - conj 44 - Higienópolis

Telefone: (11) 3257-3790

Email: eliane.marraccini@gmail.com